



ALFABETIZAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:

Claudionor Alves da Silva¹

Rejane Antônio Coelho Trindade dos Santos²

Josevaldo Trindade dos Santos

Eixo temático: 4. Alfabetização e infância

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre o processo de alfabetização inicial desenvolvido no contexto do Programa Residência Pedagógica, no subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Inicialmente, partimos do seguinte questionamento: por que as professoras desenvolvem práticas pedagógicas heterogêneas que envolvem diferentes abordagens teóricas e se afastam das orientações e ou recomendações da proposta pedagógica adotada pela rede de ensino? Nosso trabalho consistiu, assim, em conformidade com as orientações do Programa Residência Pedagógica, observar e analisar as práticas das professoras e desenvolver propostas de intervenção pedagógica. Podemos constatar que as professoras não conseguem por em prática a proposta pedagógica adotada pela rede de ensino por insegurança, motivada pela falta de formação ccontinuada, de forma sólida, que lhes possibilitem abandonar os tradicionais métodos de ensino.

Palavras-chaves: Alfabetização inicial. listar até 5 palavras separadas por ponto e vírgula.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o processo de alfabetização inicial desenvolvido no contexto do Programa Residência Pedagógica, no subprojeto de Pedagogia. Entre os objetivos deste subprojeto, destaca-se: proporcionar aos sujeitos envolvidos na proposta do Núcleo de Pedagogia da UESB ações pedagógicas de investigação e aplicação prática nas diferentes escolas-campo, de modo que possibilite condições para o desenvolvimento autônomo do efetivo processo de formação docente na formação inicial.

A motivação pela temática da alfabetização se deu também, em função das estatísticas educacionais publicizadas nos últimos anos sobre o baixo desempenho que os estudantes brasileiros tem apresentado em leitura e em escrita. Com base nessa justificativa, compreendeu-se como fundamental para os residentes, na condição de aprendizes da

¹Doutor em Ciências da Educação. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: claudionor.silva@uesb.edu.br.

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora da Rede Municipal de ensino de Guanambi, Bahia. Coordenadora pedagógica na Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Contato: rejane.trindade@enova.educacao.ba.gov.br.

docência, o aprimoramento do seu processo formativo, por meio da sua inserção no campo de atuação profissional, de modo que lhes possibilitassem vivências que os levassem a compreender a relação entre a teoria e a prática; o conhecimento e a vivência do currículo do ciclo de alfabetização e a investigação de situações cotidianas da prática docente por meio de observações, estudos e pesquisas para, por fim, desenvolver a intervenção pedagógica.

A verificação da heterogeneidade das práticas das professoras, desde o início do desenvolvimento do Programa, levou ao seguinte questionamento: por que as professoras desenvolvem práticas pedagógicas heterogêneas que envolvem diferentes abordagens teóricas e se afastam das orientações da proposta pedagógica adotada pela rede de ensino? Tais práticas são recheadas de atividades de aplicação dos métodos sintéticos de alfabetização, que enfatizam muito mais a mecânica da escrita de sílabas, palavras e ou frases descontextualizadas e, ao mesmo tempo, com menos ênfase ao trabalho com a leitura. Com relação ao trabalho com a leitura, vale destacar que a proposta recomenda um trabalho pedagógico voltado para o desenvolvimento da fluência leitora, mas as práticas de leitura não ultrapassam o limite da mecânica do ato de ler.

Considerando a problemática exposta, o Programa foi se reconfigurando, no sentido de estreitar as relações com as professoras e as escolas para propor ações articuladas e colaborativas entre o docente orientador do subprojeto de Pedagogia, as professoras alfabetizadoras (preceptoras) e aos alunos (residentes). Importante lembrar que a ênfase do subprojeto do núcleo de Pedagogia é a alfabetização inicial. Nesse sentido, a parceria e colaboração entre a instituição formadora de professores e as escolas-campo é fundamental para a execução e sucesso dessa proposta de trabalho.

Dentre as estratégias apontadas para o desenvolvimento desse trabalho de natureza colaborativa, destaca-se: as rodas de conversa para sensibilização da comunidade escolar; oficinas para a elaboração coletiva da proposta de trabalho; estudo dos documentos oficiais, que lastreiam a proposta de trabalho; os indicadores educacionais da alfabetização no Brasil; análise do material didático adotado pela escola para alfabetizar as crianças; oficinas de elaboração de material didático para alfabetizar as crianças; elaboração de instrumentos de avaliação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita das crianças, visando a identificação dos níveis psicogenéticos em que cada criança se encontra, para posterior replanejamento da ação docente; planejamento das intervenções a serem realizadas em sala de aula, considerando a necessidade de se adotar uma rotina no processo de alfabetização, a fim de assegurar o ensino sistematizado do sistema de escrita alfabética, entre outras.

Como se trata de um Programa em andamento, apresenta-se neste trabalho dados preliminares, consideradas como relevantes para a reflexão acerca da ação docente sobre as práticas de alfabetização.

2 Fundamentação teórica

O marco teórico que se assume neste trabalho perpassa pelos estudos acerca da psicogênese da língua escrita, desenvolvidos por Emília Ferreiro e colaboradores e dos estudos da linguagem concebida como processo de interação social, a partir dos estudos discursivos da linguagem propostos por João Wanderley Geraldi.

Concebe-se a escrita, nessa perspectiva, como um sistema de notação que descreve os fonemas da linguagem. Como um sistema de notação, a escrita tem propriedades relacionadas ao tipo de relação estabelecida com os fonemas da linguagem bem como possui propriedades compartilhadas com outros sistemas de notação. Tal concepção se opõe à consideração da escrita como um código de transcrição. Um sistema de notação como o alfabético não transcreve fonemas, mas sim analisa a linguagem para identificá-los e assim poder simbolizá-los notacionalmente. Nesse sentido, ao escrever, portanto, faz-se uma análise e não transcrição.

Os estudos de Emília Ferreiro partem da aquisição de alfabetização não como técnica, mas como ferramenta cultural e social, que é uma tarefa realizada por um sujeito pensante, ativo e responsável pela sua própria construção de conhecimento. Ferreiro e Teberosky (1999) e Ferreiro (2000) descrevem o percurso que o sujeito aprendiz percorre para a construção da escrita. Nesse sentido, só é possível entender o processo de desenvolvimento da criança se partirmos das hipóteses por ela elaborada e não da nossas.

Com base nesses estudos, a alfabetização inicial é compreendida como um processo de desenvolvimento da linguagem escrita. Até o surgimento da perspectiva psicogenética, o desenvolvimento da alfabetização inicial se dava ora pelo processamento fonológico, centrado na transcrição dos fonemas da linguagem oral, ora pelo processamento do reconhecimento da palavra, que é a habilidade de processar a informação gráfica, ou seja, identificar e reconhecer os grafemas ou palavras escritas. Segundo essa abordagem, o sujeito se centra em desenvolver habilidades perceptivas e compreensivas dos significados das palavras.

Com Ferreiro (1999, 2000, 2002) passamos a compreender que os alunos, antes de realizarem uma leitura convencional, consegue uma interpretação dos textos (livros, contos, publicidade, receitas, etc.) e isso reside em dar sentido aos escritos, entendendo que "indica algo" através de imagens, símbolos, etc., tudo isso de uma interpretação baseada em hipóteses pessoais.

Nesse sentido, ao considerar o valor e a importância do texto nas aulas de ensino da língua, Geraldi (1984, 1997 e 2010) e outros, percebem a linguagem como "lugar de constituição de relações sociais, onde os sujeitos se tornam sujeitos" (GERALDI, 1984, p. 41).

Esses estudos são considerados um divisor de águas, em relação ao ensino da linguagem e que, entre outros, se fundamentam nas ideias de Bakhtin (1986, p. 123), ao afirmar que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.

Fica clara nessa citação a posição de Bakhtin (1986) em relação ao ensino tradicional. Ao invés de práticas mecânicas de leitura e de escrita descontextualizadas e desprovidas de significado, deve-se privilegiar as práticas reais de uso da linguagem. O ensino da linguagem, portanto, perpassa, inicialmente pela compreensão da língua como interação social, que elege textos produzidos numa determinada esfera de comunicação e que circulam no contexto social. A escola deve, portanto, tomar o texto como unidade de ensino.

Desse modo, é fundamental que a alfabetização, desde a sua etapa inicial precisa ser compreendida como um processo que vai além da aquisição de habilidades mecânicas do ler e do escrever, mas deve contribuir para que todas as crianças se apropriem dos diversos usos da linguagem, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita. Do contrário, não será possível o desenvolvimento da capacidade de produzir e compreender textos de diferentes gêneros em diferentes contextos de comunicação.

Tendo em vista que o objetivo do ensino da língua seja o desenvolvimento da capacidade de comunicação, mais do que ensinar a ler e a escrever, é preciso pensar na leitura significativa, que perpassa pela análise de forma crítica e reflexiva dos textos. Do mesmo modo, a escrita não deve ser mera cópia, mas produção crítica, que deverá ser também consumida, uma vez que a escrita de alguém precisa de outro alguém que a leia.

3 Metodologia

Desenvolvido no contexto de uma pesquisa qualitativa, este trabalho apresenta dados preliminares acerca das práticas de ação pedagógica no campo da leitura e da escrita, dos materiais didáticos produzidos e das orientações da proposta pedagógica da rede municipal de ensino. Assim, as estratégias utilizadas foram a observação direta das práticas pedagógicas, a produção de material didático e a análise da proposta pedagógica da rede municipal de ensino.

Os dados relacionados às práticas da ação pedagógica, referem-se às estratégias metodológicas desenvolvidas pelas professoras alfabetizadoras, bem como às práticas desenvolvidas pelas residentes. Com relação aos materiais didáticos, trata-se daqueles recursos produzidos pelos próprios residentes para serem utilizados nas atividades de

intervenção pedagógica. Por fim, as orientações teórico-metodológicas compõem os referenciais teórico-metodológicos que fundamentam a proposta pedagógica da rede municipal de ensino.

Mais especificamente, os sujeitos envolvidos no subprojeto do Núcleo de Pedagogia são um professor orientador, três professoras alfabetizadoras (preceptoras) e 15 estudantes (residentes).

4 Resultados e Discussão

Considerando as limitações de espaço, apresentam-se neste trabalho uma análise sucinta dos resultados obtidos até o momento da produção escrita deste trabalho, enfatizando as práticas pedagógicas e as orientações teórico-metodológicas.

As práticas pedagógicas das três professoras são heterogêneas, no sentido de fundamentarem em diferentes abordagens teóricas, inclusive opostas em relação aos seus fundamentos. Pelos menos nas práticas de duas das professoras, evidenciou-se, muito a utilização de atividades mecânicas de leitura e escrita, que reduzem o aprendizado da linguagem escrita como a aquisição de habilidades. Além disso, o aluno é visto como um sujeito passivo e reproduzidor do conhecimento.

Chamou a atenção que essas duas professoras seguem o conteúdo curricular pré-programado para o ano escolar com o qual trabalha, sem levar em consideração que os alunos da turma (nenhum deles) atingiu o nível alfabético da escrita. A ênfase, portanto, dada pelas professoras é a tentativa de intensificar as práticas de fluência e compreensão leitora. Segundo o que se observou, as práticas são infrutíferas exatamente porque o nível em que os alunos se encontram não lhes permitem compreender o que as professoras tentam ensinar. Durante a observação, não foi difícil perceber que os alunos não liam de forma convencional, mesmo assim, as professoras não se ocuparam em realizar atividades para o aprendizado do sistema de escrita alfabético.

De acordo com os estudos de Ferreira (2000) é fundamental ao professor alfabetizador identificar o nível de escrita de seus alunos para, em função disso, planejar suas atividades de intervenção. Por sua vez, Batista et al. (2005-2007, p.11) afirma que

a avaliação diagnóstica é um valioso instrumento para que o professor conheça a turma com que vai trabalhar, para saber de que pontos deve partir; que capacidades deve explorar; de que modo deve explorá-las, quer dizer, introduzindo, por exemplo, uma determinada capacidade, trabalhando-a sistematicamente ou retomando-a para consolidação.

As professoras, segundo o que se constatou, não levam tais conhecimentos em consideração. O que lhes preocupa é passar o conteúdo curricular proposto para o ano de escolaridade de suas turmas, ainda que os alunos não consigam acompanhar. Permanece, assim a continuidade da responsabilização do próprio aluno pelo seu próprio fracasso. Nenhuma reflexão, até o momento, acerca do trabalho pedagógico é realizada para entender o que se passa. E o que se passa, entre outras coisas, é que as atividades de ensino são limitadas e fielmente fundamentadas no empirismo/associacionista.

Ainda que a leitura diária seja recomendada e ou orientada para todos os 5 anos do ensino fundamental, não se observou o desenvolvimento dessa prática nas turmas das duas professoras apontadas acima. De acordo com a proposta, nas aulas de Língua Portuguesa, a leitura diária pode ser feita no início ou no final de cada aula. E mais, nos momentos de leitura em voz alta deve promover o prazer e que deve privilegiar, para isso, os diversos tipos de textos.

Enfim, as duas professoras, conforme revelam suas práticas, não obedecem às orientações da proposta didática. Na maioria delas prevalecem as atividades de leitura e escrita mecânicas, limitadas e não reflexivas. Em alguns outros momentos, há tentativas de desenvolver atividades de leitura, mas nunca na perspectiva discursivo-interacionista como é proposto. A proposta didática concebe a língua como “[...] uma atividade interativa inserida no universo das práticas sociais e discursivas, envolvendo interlocutores e propósitos comunicativos [...]” (BRASIL, 2008, p. 21).

Com relação à outra professora, embora as práticas também sejam heterogêneas, há uma tendência a desenvolver práticas que mais se aproximam da perspectiva discursivo-interacionistas. Do mesmo, há evidentemente uma atuação, por parte da professora em preocupar com os alunos que apresentam baixo desempenho em relação à aprendizagem. As atividades pedagógicas são desenvolvidas de modo a atender a todos os alunos. Nesse caso específico, o diagnóstico do nível de desempenho em relação à escrita, é fundamental.

Evidencia-se, também, na prática dessa professora, a ênfase em trabalhar com a fluência de leitura. São realizadas atividades sempre, voltadas para avaliação da fluência dos alunos. São pontuados pela professora os seguintes aspectos: o tempo de leitura, a pronúncia, a entonação correta, a compreensão, entre outros. A não fluência de leitura é uma das causas da não compreensão de textos. Sem fluência de leitura, os alunos não conseguem identificar as informações presentes no texto nem produzir inferências.

Como a ênfase nas práticas dessa professora é a leitura fluente, ela tem obedecido, durante esse período à realização de leitura diária. A fazer isso, ao avaliar a fluência, são verificadas se as dificuldades percebidas anteriormente, foram superadas e se outras surgiram.

Não se percebe muito, na prática dessa professora, o trabalho com a produção textual. Ao se analisar a proposta didática, verifica-se que a ênfase é exclusivamente a leitura, com a justificativa de que a Prova Brasil exige mais a leitura.

5 Considerações Finais

Tendo em vista a discussão apresentada em função dos resultados deste trabalho, fruto de um Programa em andamento, conclui-se que a a origem de alguns aspectos da problemática identificada pode encontrar respostas na formação inicial e continuada dos professores.

A má formação ou a formação inicial e continuada ineficiente é um dos fatores responsáveis ainda pela busca permanente do como ensinar, que vai recair na busca do método que seja mais eficaz e mais adequado para a alfabetização.

Ainda que preliminares, os dados construídos até o momento foram suficientes para convencer que a formação eficaz dos professores lhes proporciona condições para organizar práticas pedagógicas para a alfabetização que reúnam elementos necessários para o seu trabalho enquanto docente.

Constata-se, portanto, que as professoras não conseguem por em prática a proposta pedagógica adotada pela rede de ensino por insegurança, motivada pela falta de formação continuada, de forma sólida, que lhes possibilitem abandonar os tradicionais métodos de ensino.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo. Ed. Hucitec, 1986.

BATISTA, A. G; SILVA, C. S. R; BREGUNCI, M. G. C; CASTANHEIRA, M. L; MONTEIRO, S. M; **Avaliação diagnóstica da alfabetização**. Coleção de instrumentos da alfabetização. Vol. 3, p. 01 a 88. Centro de alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) e Ministério da Educação, 2005-2007.

BRASIL. **Ministério da Educação**. PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação – Prova Brasil. Brasília: MEC/SEB/Inep, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Paraná: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **Deslocamentos no ensino**: de objetos a práticas, de práticas a objetos. In: GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro &

João Editores, p. 71-80., 2010.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. São Paulo, Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2000.